

ARTIGOS

CINEMA E EDUCAÇÃO: EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS DE FORMAÇÃO MEDIADAS PELA SÉTIMA ARTE

Valeska Fortes de Oliveira

Vanessa Alves da Silveira de Vasconcellos

Ionice da Silva Debus

Marilene Leal Farenzena

Caroline Ferreira Brezolin

RESUMO: Com o intuito de contribuir para as discussões que abordam o tema cinema e educação, pensando na formação docente, apresentamos este trabalho, que é decorrente de uma investigação desenvolvida por um grupo de pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), em parceria com a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), por meio do projeto guarda-chuva “Enredos da vida, telas da docência: os professores e o cinema”. Percebendo a importância de pensar dentro da formação docente a educação do olhar e da sensibilidade, considerando o cinema diante disso provocador de formação, mais especificamente, implicando pessoas em experiências éticas e estéticas, apresenta-se esta experiência desenvolvida com professores da cidade de Santa Maria (RS). Esta pesquisa teve como proposta pensar como o cinema se inscreve nas histórias pessoais e profissionais dos professores, por meio de um curso de formação continuada. Pudemos perceber, a partir dessa experiência, que o professor tem o cinema como dispositivo para a resignificação de sua formação docente, deixando de ser só entretenimento ou ferramenta pedagógica e tornando-se arte, com toda a potência que essa palavra significa.

PALAVRAS-CHAVE: Formação docente. Formação estética. Cinema e educação.

INTRODUÇÃO

Com o intuito de contribuir para as discussões sobre o cinema como potência formativa e colaborador na experiência estética docente, apresentamos este trabalho, que é decorrente de uma pesquisa desenvolvida por nosso grupo de estudos e pesquisas da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), em parceria com a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), por meio do projeto guarda-chuva “Enredos da vida, telas da docência: os professores e o cinema”. O referido projeto tem como problemática principal as relações, os enredos, os significados, as experiências e as práticas dos docentes com o cinema, na tentativa de compreender algo mais acerca de seus encontros ou mesmo desencontros, ontem e hoje, alinhados com os problemas da docência e da educação como um todo, contemplando, ainda, suas memórias e histórias de vida.

Nos tempos e espaços de sua vida cotidiana, na sala de aula, na escola, em sua residência, nas salas de cinema, diante da TV ou onde mais estejam como docentes ou discentes, os professores encontram-se com as imagens em movimento, com repertórios audiovisuais, com a multiplicidade dos textos fílmicos, o que os constitui como sujeitos professores ligados às mídias, seja na vida profissional, seja na pessoal.

Dessa forma, o grupo da UFSM desenvolve desde 2012 um subprojeto na cidade de Santa Maria (RS), intitulado “Em tempos de formação – o cinema, a vida e o cuidado de si: exercícios autobiográficos e coletivos na atividade docente”, que apresenta como proposta pensar como o cinema se inscreve nas histórias pessoais e profissionais dos professores, por meio de um curso de formação continuada.

O projeto parte do pressuposto **teórico-analítico** de que os professores são **sujeitos socioculturais** que se diferenciam dos demais grupos, categorias e segmentos de trabalhadores por sua condição de docentes. Em outras palavras, a **condição docente** demarca os processos de construção dos professores, particularizando-os em face de outros atores.

Diante disso, nos questionamos: como o cinema, hoje, engendra-se nos cenários e enredos da escola, da docência e da formação como um todo? Por que falar e pensar o cinema na educação, na docência, no cotidiano da escola, nos processos educativos e na vida do professor? A resposta é simples: porque o cinema integra as mídias contemporâneas nas quais as novas gerações estão enredadas.

O cinema, como o apreendemos e buscamos, assim como a literatura, a pintura e a música, pode ser um meio para explorarmos os problemas mais complexos do nosso tempo e da nossa existência, expondo e questionando a realidade em que vivemos, impedindo que ela nos obscureça e nos submeta. O cinema que pensa pode propor novas formas de viver e habitar o mundo, um **outro mundo, possível** e necessário. Daí a simbiose que pode haver entre ética e estética nos terrenos da experiência e da aventura humana, nos processos educativos e fazeres docentes.

Em suma, este foi um projeto que teve como objetivo geral identificar/perceber como o cinema se faz presente na vida e nas práticas dos professores da rede municipal e estadual de Santa Maria (RS), por meio de um curso de formação continuada. Além disso, foram objetivos específicos: construir e consolidar uma rede de parcerias com as escolas públicas de Santa Maria (RS); problematizar as concepções que sustentam os trabalhos dos professores, bem como as metodologias relativas à sua implementação e desenvolvimento, além das dificuldades e tensões vividas pelos docentes nessas realizações; compartilhar os sentidos e significados atribuídos ao cinema em sua vida e histórias pessoais.

CAMINHO METODOLÓGICO: OS PROFESSORES, O CINEMA E A ESCOLA

O caminho metodológico foi delimitado pela pesquisa qualitativa, pautada no método (auto)biográfico, que enfoca as histórias de vida dos participantes e suas narrativas. O que demarca a pesquisa é o trabalho com narrativas docentes, orais, escritas ou mediante outras linguagens possíveis, inclusive pequenos exercícios de produção fílmica, de desconstrução e reinvenção de filmes e outras atividades que facilitem a expressão da narrativa docente em seu encontro e diálogos com a narrativa fílmica sobre a docência, entendendo que o cinema interpela a docência e esta se interroga a partir do cinema.

É válido destacar que as pesquisas que utilizam o método biográfico representam um avanço do conhecimento relacionado à formação de professores, pois buscam uma superação da prática positivista das ciências sociais, demonstrando “a importância do método biográfico, que veio a se revelar não apenas como instrumento de investigação, mas também (e sobretudo) um instrumento de formação” (NÓVOA; FINGER, 2010, p. 23).

No campo educacional brasileiro, as pesquisas qualitativas que desenvolvem as histórias de vida como método investigativo apontam as narrativas como alternativas pedagógicas para o ensino e a pesquisa, pois produzem “mudanças na forma como as pessoas compreendem a si próprias e aos outros” (CUNHA, 1997, p. 188). Assim, o uso das narrativas se configura não apenas como uma abordagem investigativa, mas de formação de professores, por meio de uma investigação que se concretiza nos relatos autobiográficos sobre o cinema na formação docente.

Os estudos de Josso (2010, p. 33) afirmam que a originalidade da metodologia da pesquisa-formação se encontra no cuidado que os pesquisadores devem ter no sentido de que os autores das narrativas “consigam atingir uma produção de conhecimentos que tenham sentido para eles e que eles próprios se inscrevam num projeto de conhecimento que os institua como sujeitos”.

Sendo assim, evidenciamos a possibilidade de pensar como a docência vem se produzindo, como pode se produzir melhor diante sua vivência, compreendendo que precisamos de dispositivos para que os docentes possam se confrontar com seus processos, provocando uma análise de pensamento que traga o desafio de “pensar a si”. É o que pretende, segundo Ferrarotti (2010, p. 36), o método biográfico em um dos aspectos mais relevantes, o de “atribuir à subjetividade o valor de conhecimento”.

Para efeitos de análise e encaminhamentos metodológicos da investigação, estruturamos a metodologia deste projeto em três eixos. No primeiro, “Cinema de cada um: viveres e memórias cinematográficas”, analisamos como o cinema está colocado nas histórias e vida dos docentes. O segundo, “O cinema vai à escola pelas mãos dos professores”, procurou identificar os projetos, trabalhos e atividades que envolvem cinema e educação em algumas unidades escolares das redes municipal e estadual de ensino de Santa Maria (RS). O terceiro, “Professores no cinema e professores fazendo cinema”, propôs a produção de curtas-metragens para que os grupos de docentes participantes do curso de formação continuada pudessem se ver num espelho (na tela), discutindo suas produções e trabalhos cinematográficos.

Nesse sentido, no primeiro eixo do projeto, realizamos um levantamento de dados, em parceria com os professores de toda a rede de ensino de Santa Maria, para analisar como o cinema está colocado em suas histórias e vida. Esse levantamento aconteceu por meio de uma pesquisa nacional, que teve o objetivo de traçar o perfil de como o cinema aparece e se reflete na vida das pessoas. Essa pesquisa foi realizada em todos os estados que desenvolveram no ano de 2015 um subprojeto a partir do projeto guarda-chuva

“Enredos da vida, telas da docência: os professores e o cinema”, da UFMG. Ainda, é importante salientar que o projeto desenvolvido em Santa Maria é o único, entre os demais subprojetos que compõem essa parceria, que tem como foco a formação de professores. A escolha por esse tipo de levantamento de dados buscou apreender não somente como os docentes compreendem, definem e interpretam sua formação e seus trabalhos educativo-pedagógicos com o cinema, como também a presença ou possível ausência do cinema na vida pessoal dos professores, visto que ambas as dimensões, pessoal e profissional, não podem nem são separadas.

Em uma análise parcial dos questionários, percebemos que a maioria dos professores que os responderam não aprofundou sua resposta e/ou foi lacônica e superficial. No entanto, no que se refere à questão do cinema na vida do professor, chamou-nos atenção a quase nulidade da experiência do cinema como imersão provocada por uma grande sala escura, com uma grande tela e um som potente.

Longe dessa experiência de quase todos os sentidos, percebemos que há, hoje, o cinema tido como um hábito quase corriqueiro, que só não o é totalmente pelo fato da imersão proposta e acarretada pelo próprio filme em particular. De outra forma, percebemos a experiência do cinema como um verdadeiro consumo fast food de uma obra cinematográfica, reduzida a um produto de fácil acesso, que talvez seja capaz de proporcionar alguma distração e/ou entretenimento por uma hora e meia.

Agora, em relação ao cinema na escola, ainda com base em uma análise dos questionários, percebemos uma reclamação geral daqueles que têm uma prática mais efetiva em relação à exibição de filmes em aula, relacionada tanto à falta de equipamentos que proporcionem sua veiculação quanto à má distribuição do tempo de uso desses meios entre os demais professores. Há, ainda, uma grande característica geral das respostas: os docentes têm o filme como um dispositivo para uma produção interpretativa estreitada pelas “questões que o filme apresenta”, ou seja, o filme como um fim ou um teto de interpretações e possíveis críticas dos estudantes e não como um meio de transbordamento dessas pseudofronteiras.

Enfim, percebemos realmente que o cinema na escola, tanto no âmbito da sala de aula quanto em outras formas, é sempre uma luta encarada por alguns bravos contra toda uma espécie de cultura castradora de individualidades e suas consequentes criatividade, exercida em políticas de falso interesse ancoradas em burocracias altamente preparadas para combater o estranho a essa lógica. Caso contrário, o cinema na sala de aula não seria algo estranho inserido no âmbito de um processo de ensino e aprendizagem, mas mais uma ferramenta de possibilidades infindáveis de dialogia e processos criativos de busca de conhecimento e formação de si.

Há quem diga que o cinema é um ditador de posturas e estigmas, sendo que poucos produzem o que muitos irão ver e – posteriormente – ser influenciados a pensar e agir da mesma maneira. A pesquisa mostrou, porém, que o cinema pode significar algo muito maior do que apenas um veiculador de ideias e imagens de outras pessoas, impostas pelo fato de o espectador apenas assimilar as ideias.

O espectador não é passivo enquanto assiste a um filme. Ele o faz a partir de seus próprios olhos, levando em consideração aquilo que é importante na sua vida, o que faz sentido e que é familiar para ele. O espectador é capaz de produzir suas próprias imagens enquanto assimila as do outro.

De acordo com os resultados obtidos pelos questionários, é fato que o ser humano se constrói a partir do outro: um irmão, o cônjuge, os amigos. Por meio de sua rede social, o professor tem acesso a indicações

de filmes, comentários, críticas. Aquilo que ocorre durante e fora do filme corresponde a questões muito importantes a ser abordadas, pois é nesse momento que o docente se constrói como ser humano e se apodera para construir esse sentimento em uma turma de alunos na escola.

O professor não apenas reproduz aquilo que é projetado numa tela branca; ele vai além: envolve os alunos de maneira crítica, constrói um conhecimento além das fronteiras do pátio da escola, introduz essa escola a partir de outros olhares – com a tecnologia trabalhando como aliada do conhecimento. Esses são apenas alguns dos vários desafios dos professores entrevistados.

Isso nos leva à questão de que antes o imaginário era visto como algo irreal, dominado por loucos e insanos, aquilo que deveria ser banido para o bem geral (saúde mental) da população. Acontece que percebemos aqui uma mudança nesse cenário: a popularização dos filmes – e do cinema como um todo – instala o mundo no domínio do imaginário. Ele (o imaginário) torna-se necessário. Vemos claramente como se passa de um domínio ao outro, da total exclusão do imaginário ao desejo por substituição do racional pela imaginação, por essa força criadora de realidades, não como algo “fora do real”.

No que diz respeito à segunda etapa do projeto, organizamos um curso de formação continuada, intitulado “A vida e o cinema na formação de professores”, com a proposta de uma formação ético-estética, que buscou auxiliar na percepção dos sentidos e significados construídos sobre o cinema pelos professores participantes. Isso porque acreditamos que a relação entre a vida e a arte cinematográfica é dada pela identificação e interpretação de histórias pessoais, experiências, preferências, sentimentos, tensões, processos de formação e conhecimentos relativos ao cinema.

As atividades relativas ao curso tiveram início no primeiro semestre de 2013, com reuniões semanais com os integrantes do grupo de estudos da UFSM (bolsistas de iniciação científica, mestrandos, doutorandos, professores colaboradores), para a organização das propostas de trabalho junto aos professores da rede de ensino de Santa Maria (RS) interessados na formação.

Reiteramos que a programação do curso de formação visou a atingir dois módulos principais, quais sejam: “Módulo I: O cinema na vida do professor: vivências e histórias pessoais” e “Módulo II: O cinema em sala de aula: práticas docentes e arte cinematográfica”, bem como questões que apareceram como sugestões dos docentes, conferindo-lhes vez e voz para falar de suas inquietações e necessidades.

A identidade visual elaborada por um dos integrantes do grupo proponente foi utilizada para a divulgação do curso. A imagem, além de divulgar a formação, possui uma linguagem visual direcionada a provocar os professores a pensar a proposta do curso.

Mostra um professor e uma professora com um livro em uma mão e uma câmera apontada para si na outra, o que conduz à ideia de o professor se colocar como ator e autor de sua própria vida, de sua própria formação. No entanto, a primeira versão apresentava o professor e a professora com a câmera apontada para fora e o quadro-negro ao fundo, o que causou certo desconforto pelos estereótipos criados acerca da pessoa e da profissão.

CINEMA E FORMAÇÃO: EXPERIMENTAÇÕES SINGULARES

Quando o assunto é a **formação docente**, nosso grupo de estudos e pesquisas defende processos de formação que transmutam o formato clássico dos eventos instituídos na contemporaneidade. A proposta de formação, ao mesmo tempo que considera a necessidade de aperfeiçoamento profissional constante, abre espaço para o professor mostrar-se como pessoa, pensando sobre si, expressando o que o inquieta, o que causa prazer em seu trabalho e, até mesmo, o contrário.

A formação ético-estética é aquela que transcende o belo, o perfeito. Para o pesquisador Pereira (2012), professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, “pensar a educação estética é justamente criar possibilidades para as pessoas experimentarem processos de criação da vida delas e da relação da vida delas com o mundo”. Em outras palavras, essa perspectiva busca constantemente desvincular-se do que estamos acostumados a fazer, a ouvir ou a pensar, pois a experimentação estética acontece quando nos deparamos com o que não conhecemos, o que surpreende, o inédito, o que suscita outro tipo de resposta, o que inquieta.

Hermann (2010, p. 34) aponta para o perigo de uma educação reducionista, na qual, “perdida a sensibilidade, a imaginação e os recursos de uma rica criação de si, a formação ética se desfigurou. De forma caricatural, se materializa nos currículos com um código”.

Corroborando a afirmação, a experiência ético-estética constitui um dispositivo impulsionador de inquietações, de (des)acomodações, uma possibilidade de ampliação de repertórios que vinculem diferentes linguagens artísticas. Aqui, enfatizamos o cinema na direção da produção e criação de novos referenciais estéticos ligados à educação; é a educação do olhar. Por isso, o professor que se faz inserido numa perspectiva de reflexão, por meio de obras cinematográficas, promove a ampliação de seu imaginário social, ao mesmo tempo que mobiliza mudanças individuais e coletivas em sala de aula e/ou nos espaços-tempos nos quais interage com outras pessoas. Logo, entendemos o imaginário social como “criação incessante e essencialmente indeterminada (social-histórica e psíquica) de figuras/formas/imagens, a partir das quais somente é possível falar-se de ‘alguma coisa’. Aquilo que denominamos ‘realidade’ e ‘racionalidade’ são seus produtos” (CASTORIADIS, 1982, p. 13).

Nesse ponto de vista, partimos da ideia de que o professor que está inserido em um determinado contexto histórico busca conhecer e socializar com os alunos filmes que estejam vinculados, de alguma forma, aos saberes da sua área e que se liguem, inevitavelmente, à vida dos alunos e à vida escolar como um todo. Portanto, quando Duarte (2002, p. 60) nos diz que “o cinema é a mais autorreferente de todas as formas de arte”, está ressaltando o cinema como um indicador que possibilita a integração de novos saberes e maneiras de viver por meio do imaginário social, do imaginário coletivo.

De tal modo, Duarte (2002) ainda defende a ideia de que cada um tem sua forma de relacionar-se com o cinema, pois essa relação implica escolhas, gostos, avaliações e aprendizagens. Cada um desenvolve sua própria intuição na configuração do seu cinema pessoal, sendo que essa sensibilidade amplia ao seu próprio modo e tempo, numa esfera intuitiva, pessoal, subjetiva e intransferível.

É nesse sentido que visualizamos estreitas relações dessa percepção do cinema com a formação, uma vez que esta também é entendida como algo singular e que diz respeito a diferentes trajetórias e processos formativos, baseando-se em um repertório de vivências pessoais que, de certa forma, mobilizam conhecimentos e saberes diversos na atuação profissional docente.

Assim, acreditamos que o cinema e a educação possuem uma estreita relação pedagógica, pois, além da história, trazem o subjetivo, os sentimentos e as emoções do ser humano. Nesse contexto, observamos a existência da intenção do professor de produzir significados, tocar, mexer no mundo íntimo dos indivíduos; esse caráter pedagógico das histórias refere-se à ideia de que os filmes podem incitar opiniões e comportamentos diversos.

Partimos do pressuposto de que os indivíduos se formam por si mesmos por meio das mediações, que são os suportes que permitem a possibilidade de formação, mas não são a formação propriamente dita. Compartilhamos com Ferry (2004, p.54) a ideia de que “nada forma a outro”. Nessa perspectiva, compreendemos que o sujeito se forma no seu interior, buscando a percepção de seu desenvolvimento, a partir de seus próprios movimentos de busca, mudanças e transformação. No terreno da formação de professores, é possível visualizar essa perspectiva de não apenas associar a formação ao progresso e ao desenvolvimento numa óptica futura, mas, sim, de ser considerada a possibilidade de retrospectiva, na qual o indivíduo constrói sua própria formação, com base no balanço que faz de sua vida.

Autores como Nóvoa (1995), Nóvoa e Finger (2010) e Delory-Momberger (2008) têm chamado atenção para uma teoria de formação dos adultos, pensando-a como um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida, colocando em evidência os saberes subjetivos e não formalizados que os indivíduos utilizam em suas experiências, nas relações sociais e profissionais.

Esses saberes, segundo Delory-Momberger (2008), são determinantes na maneira como os sujeitos investem nos espaços de aprendizagem e seu reconhecimento permite que sejam realizadas novas relações com o saber e a formação. Dessa forma, “a valorização da experiência individual inscreve-se num procedimento global que associa, intimamente, os formados ao processo formativo e os considera como atores plenos de sua própria formação” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 95).

É sob essa óptica que podemos ver o método biográfico atuando na área da educação, como uma alternativa para produzir outro tipo de conhecimento sobre o professor e suas práticas docentes, pois permite que o indivíduo se torne sujeito-ator de seu processo de formação, por meio da apropriação de sua trajetória.

PROCESSO DA PESQUISA: ENCONTROS FORMATIVOS

A partir do exposto, partimos para a descrição do que e como aconteceram os encontros formativos que marcaram o desenvolvimento do primeiro e segundo módulo do curso de formação docente.

O primeiro módulo teve início no primeiro semestre de 2013, especificamente no dia 24 de junho. Os encontros aconteceram quinzenalmente, às segundas-feiras, na sede do Sindicato dos Professores Municipais de Santa Maria (SINPROSM), entidade parceira no desenvolvimento dessa ação de formação. Ainda, é importante salientar que a formação se desenvolveu em duas modalidades, presencial e a distância, pela plataforma Moodle.

No primeiro encontro do curso, apresentamos as motivações que nos impulsionam como grupo de estudos e pesquisas da UFSM na construção desse espaço formativo. Nesse momento, falamos de nossas ideias e como seriam desenvolvidas as atividades, bem como acertamos questões referentes aos dias e horários de preferência dos professores participantes.

No segundo encontro, acolhemos os professores em clima de Festa Junina, com o local decorado a rigor e com uma mesa preparada com comidas, porque entendemos que a alimentação tem caráter simbólico agregador. Inicialmente, propusemos vivências, com o objetivo de criar vínculos afetivos entre os participantes, visto que não trabalham no mesmo ambiente escolar nem se conheciam.

Por fim, propusemos a dinâmica dos envelopes das quatro cores. A atividade objetivou fazer um levantamento das percepções, expectativas e sugestões dos professores sobre a formação. A dinâmica consistiu basicamente em pegar um envelope, ler a pergunta, respondê-la e, parando a música, entregar o envelope que tinha em mãos para o colega ao lado e pegar um envelope de cor diferente, passando pelas quatro cores.

Com as informações da dinâmica dos envelopes em mãos, partimos para sua leitura e análise das manifestações/respostas dos docentes. Uma das perguntas era: "O que você pensa sobre cinema?"; os professores responderam que o cinema "*é uma forma de reproduzir o mundo*"; "*uma arte maravilhosa*"; "*é viver e sonhar outras vidas*"; "*uma maneira de se expressar seja no romance, aventura, drama, comédia*"; "*uma perspectiva de construção de novas aprendizagens*"; "*cultura, estética, emoção e sentimento*" e "*a emoção no cotidiano*". Nesse sentido, o cinema, ao se relacionar com a sociedade e a vida de cada um, sugere a integração de novos saberes e maneiras de viver no imaginário social.

Outra questão era: "Como você percebe a relação cinema-educação?". Os professores responderam que percebem essa relação como "*aprendizagem, cultura*"; "*mexer com o imaginário e (re)construir conceitos*"; "*reforçar temas, ver outras culturas e aprender a respeitar diferenças*". A partir disso, podemos visualizar o cinema como um dispositivo de formação docente. Entendemos por dispositivo "*un espacio estratégico y táctico que es revelador de significados, analizador de situaciones, provocador de aprendizajes y nuevas formas de relación y organizador de transformaciones*" (SOUTO, 2007). Nesse sentido, o cinema aparece como uma ferramenta que é usada para provocar os professores a pensar, a falar de suas significações pessoais e profissionais.

Assim, assumimos a existência de um cinema que emerge como um produtor de relações sociais, formador de pensamentos, saberes e ideias sobre a vida e o modo de ser, estar e agir nele, permitindo a cada um (re)criar sua identidade, ampliando seus repertórios culturais, sociais e históricos. A educação está intimamente ligada ao cinema de várias formas, pois este fornece novas percepções da realidade e crescimento intelectual, na medida em que o contato com os filmes amplia as visões de mundo das pessoas.

Na questão "O que você espera da formação?", os professores demonstraram que, além de "*compartilhar e adquirir conhecimentos sobre como trabalhar com o cinema em sala de aula*", gostariam de "*aprofundar o conhecimento da relação cinema/educação*". Com isso, percebemos implícita sua preocupação em (re)significar a utilização do cinema na sala de aula, desconstruindo a lógica instituída na escola, que restringe seu uso como instrumento para trabalhar os conteúdos. A necessidade de entender o significado e a importância do cinema como arte é fundamental para que o professor perceba que, tão necessário quanto usar o filme didaticamente, é entendê-lo como formador de opiniões, fonte de cultura, por constituir-se como ampliador de repertórios históricos e sociais.

A última questão solicitava sugestões de oficinas, discussões e trabalhos que os interessariam. Entre as respostas, apareceram: oficina sobre linguagem cinematográfica; práticas de vídeo, edição e filmagem; criação de curtas-metragens (sugestão de fazer um como processo vivenciado na formação); sugestões de filmes; encontros dinâmicos e interativos.

O terceiro encontro ocorreu pela ferramenta Moodle, em que disponibilizamos o texto *Os professores e o cinema na companhia de Bergala*, de Ramos e Teixeira (2010), que trabalha com reflexões da obra *A hipótese – cinema*, de Alain Bergala. A proposta consistiu na sua leitura e discussão mediante um fórum, momento em que os professores trocaram pensamentos, aprendizagens e experiências formativas.

No quarto encontro, exibimos o documentário *Attelage d'un camion*, um film Lumière, France 1986, que nos inspirou a refletir sobre a importância da educação do olhar, da necessidade de pararmos para olhar as coisas que nos cercam. O cinema é movimento e, nesse documentário, reitera-se a necessidade de começar a perceber os detalhes, na sua simplicidade e forma, identificando movimentos, ações e gestos que num primeiro olhar não são notados.

Ainda, discutimos o documentário relacionando com fragmentos do texto citado anteriormente, o qual foi disponibilizado no ambiente virtual, o que possibilitou um encontro com discussões relevantes para a construção do conhecimento sobre a sétima arte e suas potencialidades na educação e formação de professores.

Nessa perspectiva, tomamos o tempo como fundamento da educação estética: tempo para si, tempo para o outro, tempo para o que acontece à nossa volta, percebendo situações e pessoas que num primeiro momento não foram intuídas.

O quinto encontro marcou o encerramento do primeiro módulo. Nesse dia, assistimos ao filme *Uma vida iluminada*, do diretor Liev Schreiber, tendo como debatedora e provocadora de discussão a professora Roseane Martins Coelho. Na discussão, os professores expuseram suas histórias particulares de vida, as experiências escolares e cenas do filme que estavam relacionadas com o eu pessoal e o eu profissional de cada um.

De modo geral, a formação continuada proposta conseguiu gradativamente reinventar as percepções docentes em relação “à vida e ao cinema na formação”. Percebemos que, com os cinco encontros, os professores conseguiram ampliar seu entendimento sobre o que é o cinema para si, ao mesmo tempo que pensaram em suas práticas profissionais. Desse modo, notamos que os docentes potencializaram seu imaginário instituinte (CASTORIADIS, 1982), rompendo pré-julgamentos e (res)significando saberes.

A desconstrução do que está imposto é o que o cinema pode possibilitar e isso está muito atrelado ao imaginário social, que nos propõe outro olhar sobre o que já está apresentado na sociedade, fazendo outras perguntas para os mesmos problemas, desmistificando olhares de significações dadas, ressignificando-as.

Nesse sentido, é possível pensar o cinema como algo maior do que a simples projeção, como provocador de questionamentos, dispositivo para pensar nossa vida, inserida em uma cultura, como nos aponta Almeida (2001, p. 41):

Momento estético em que um objeto artístico e tecnicamente produzido vai ao encontro do imaginário do espectador, relacionar-se intimamente com seus desejos, ressentimentos, vontades, ilusões, raivas, prazeres, traumas, vivências, e sobre o qual só teremos nossa objetividade restituída após o término da projeção. Só então discutimos e falamos sobre ele, como memória, inextricavelmente ligado à nossa história, à história do mundo em que vivemos, à história do cinema.

É por essa via que entendemos o cinema como objeto estético para pensarmos o mundo da cultura. Também nos permite refletir, falar, escrever sobre nossa vida, nossa história, associada ao contexto em que estamos.

Consideramos que a experiência estética na formação do docente possibilita outro olhar aos sentidos que perpassam os sujeitos e necessitam ser (re)visitados. Pesquisar esses processos de significação se configura num caminho cheio de possibilidades, que conferem à formação um lugar propositivo, não apenas estático. Possibilita olhar o professor como um “ser” sensível que percebe sua subjetividade.

O segundo módulo – “O cinema em sala de aula: práticas docentes e arte cinematográfica” – iniciou-se no dia 9 de setembro, depois de um longo período de recesso, na sede do SIMPROSM. É relevante esclarecer que o módulo foi pensado com o intuito de atender às sugestões dos docentes que foram apresentadas na dinâmica dos envelopes. A partir disso, constituiu-se basicamente por oficinas.

A primeira oficina ministrada junto aos professores participantes foi “Oficina de Vídeo Arte”, sob a mediação de Benjamin Marins. Ela consistiu em cinco etapas, sendo a primeira a realização de um trabalho mais teórico, a respeito dos conceitos básicos no que se refere à edição de filmes/vídeos, bem como de exercícios fílmicos de cunho artístico/documental.

Em um segundo momento, os participantes apresentaram as filmagens experimentais produzidas para a oficina de edição, abrindo-se um debate para análise qualitativa, possibilidades de edição e sugestões para futuras produções. O terceiro momento foi realizado com o objetivo de conhecer uma ferramenta de edição (Cinelerra) em seus princípios básicos. Posteriormente, ocorreram outros dois encontros com a prática efetiva da edição do material audiovisual de cada participante.

A segunda oficina – “Filmes, afetos e memórias” – teve como ministrante Francine Nunes, tendo sido propostas leituras e discussões acerca do cinema, do lugar do espectador, cineclube na escola, bem como a produção de exercícios fílmicos.

O terceiro vértice, “Professores no cinema e professores fazendo cinema”, está em fase de execução e tem o objetivo de produzir um curta-metragem com a história de vida de três professores que participaram do curso de formação continuada e que apresentam uma estreita relação, tanto pessoal quanto profissional, com a arte cinematográfica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A VIDA E O CINEMA NA FORMAÇÃO

Voltar o olhar às práticas culturais dos docentes no Brasil se afigura como uma forma de pensá-las a partir do seu contexto cultural. É assim que os estudos e pesquisas sobre o imaginário nas ciências sociais e educação se voltam para o conhecimento das trajetórias histórico-culturais – “trazem para a análise a dimensão simbólica das relações, das instituições, do cotidiano, das criações sociais, da realidade” (ALVES-MAZZOTTI, 1994).

Isso significa pensar a instituição escolar como movida por um processo dinâmico em que as mudanças sociais são assimiladas e transformadas em reflexão.

A concepção da cultura como algo que está no cotidiano e deve ser incorporado pela própria escola diz respeito à sua dimensão instituidora. Se, ao contrário, o sistema educativo acreditar que está aquém da vida daqueles que o constituem, isso pode significar que a dimensão instituída está se sobrepondo à dimensão instituinte. Assim, a partir da experiência formativa desenvolvida pelo projeto, o professor não só pensa sobre como trabalhar com cinema, mas começa a vê-lo como dispositivo para a ressignificação de sua formação docente. O cinema é pensado como dispositivo para conhecer os imaginários dos professores e, ao mesmo

tempo, aprender e desaprender acerca de nossos repertórios. Deixa de ser só entretenimento ou ferramenta pedagógica e torna-se arte, com toda a potência que essa palavra significa.

É fundamental, portanto, pensar a questão da formação desse profissional em termos científicos, éticos e principalmente culturais, entendendo que esta constitui o campo da autoformação. Ao mesmo tempo, ao falar da dimensão cultural da educação, não podemos esquecer que tal dimensão encontra-se diretamente ligada a uma sociedade permeada pelas diferenças; não existe mais lugar para a homogeneização, pois é notável a inserção dos indivíduos em uma estrutura social que, pela hibridização, se faz presente das mais diversas formas. Ao transpor esse modelo para a educação, observamos que ele se traduz pela reprodução de modelos e teorias educativas que muitas vezes acabam fracassando por não existir uma reflexão sobre seu valor para o contexto escolar em que estão inseridos.

A formação profissional e, mais especificamente, a formação docente ainda hoje carregam resquícios da ciência positivista, responsável pela valorização da racionalidade técnica. Ao mesmo tempo, a mesma formação passa a ser revista no sentido de dar uma maior ênfase para a pessoa do professor, na medida em que não existe separação entre o profissional e o pessoal (NÓVOA, 1995) quando nos referimos à profissão docente.

Discutir sobre a formação de professores na sociedade contemporânea nos remete à questão do comprometimento deles com uma proposta de escola, em que possam se sentir como agentes da cultura, como mediadores do conhecimento. Para que isso ocorra, é necessário que sejam criadas políticas públicas que valorizem o professor como tal, dando-lhe condições para que possa se sentir parte do processo educativo.

Ainda assim, é necessário pensar a educação, como dito anteriormente, a partir de outro paradigma que não seja o que estabelece o conhecimento apenas como transmissão, mas como possibilidade de diálogo entre educador e educando. Isso só é possível mediante uma nova concepção de sociedade, pensando a escola como um dos lugares onde o aprendizado acontece, mas não sendo o único.

Além disso, é importante conhecer a realidade sociocultural dos professores para que as expectativas neles depositadas possam transformar-se em ações efetivas, em políticas educacionais, entendendo o processo educativo pela sua visão. Desse modo, pesquisar sobre o perfil dos professores brasileiros, a partir de suas preferências culturais, é uma forma de pensar sobre a importância de sua autoformação nesse processo.

O cinema – como o apreendemos e buscamos –, assim como a literatura, a pintura e a música, pode ser um meio para explorarmos os problemas mais complexos do nosso tempo e da nossa existência, expondo e interrogando a realidade em que vivemos, impedindo que ela nos obscureça e nos submeta. O cinema que pensa pode propor novas formas de viver e habitar o mundo, um outro mundo, possível e necessário. Daí a simbiose que pode haver entre ética e estética nos terrenos da experiência e da aventura humana, nos processos educativos e fazeres docentes.

Esta pesquisa procurou despertar o cuidado de si para os professores pela arte, sendo o cinema usado como um dispositivo para sua formação. A formação faz o professor refletir, acionar a memória e perceber que o cinema é bem maior do que o tempo que se apresenta nas telas. Ele pode ser formador de opiniões; algumas imagens podem representar nossa vida ou mudanças podem ser realizadas.

Refletir sobre o trabalho, a prática, as relações e como vivemos em sociedade é parte primordial da formação de professores, no sentido de, ao fazer esse movimento de retorno ao vivido, com o auxílio da memória, poder-se criar outras maneiras de agir, encontrar os motivos de nossas atitudes presentes e reestruturar

desejos e ações futuras. Assim, formar-se a partir da reflexão de nossas formas de ver, pensar, saber, viver, ensinar e aprender também pode ser pensado sob a perspectiva de Foucault (2006, p. 7) quando escreve sobre o cuidado de si: “É preciso que te ocupes contigo mesmo, que não te esqueças de ti mesmo, que tenhas cuidados contigo mesmo”.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. J. *Imagens e sons: a nova cultura oral*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- ALVES-MAZZOTTI, A. J. Representações sociais: aspectos teóricos e aplicações à educação. *Revista Em Aberto*, Brasília, DF, ano 14, n. 61, jan./mar. 1994.
- CASTORIADIS, C. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- CUNHA, M. I. Conta-me agora!: as narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. *Rev. Fac. Educ.*, v. 23, n. 1-2, 1997. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-25551997000100010>>. Acesso em: 11 jun. 2015.
- DELORY-MOMBERGER, C. *Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto*. São Paulo: Paulus, 2008.
- DUARTE, R. *Cinema & educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- FERRAROTTI, F. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. *O método (auto) biográfico e a formação*. São Paulo: Paulus, 2010.
- FERRY, G. *Pedagogía de la formación*. Buenos Aires: Centro de Publicaciones Educativas y Material Didáctico, 2004.
- FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- HERMANN, N. *Autocriação e horizonte comum: ensaios sobre a educação ético-estética*. Ijuí: Unijuí, 2010.
- JOSSO, M. C. *Experiências de vida e formação*. 2. ed. rev. ampl. São Paulo: Paulus, 2010.
- NÓVOA, A. Os professores e as histórias da sua vida. In: _____ (Org.). *Vidas de professores*. Porto: Porto, 1995.
- NÓVOA, A.; FINGER, M. *O método (auto)biográfico e a formação*. São Paulo: Paulus, 2010.
- PEREIRA, M. V. Experiências estéticas e linguagens artísticas. *Salto para o futuro*, 2012. Disponível em: <http://tvescola.mec.gov.br/ndex.php?item_id=10654&option=com_zoo&view=it>. Acesso em: mar. 2014.
- RAMOS, A. L. A.; TEIXEIRA, I. A. C. Os professores e o cinema na companhia de Bergala. *Revista Contemporânea de Educação*, v. 5, n. 10, jul./dez. 2010.
- SOUTO, M. *Repensando la formación: cuestionamientos y elaboraciones*. Texto digitado – aceptado para publicar en la Revista N. 1 de Educación de Palermo. 2007.